



PSICANÁLISE

Ana Rosa Chait Trachtenberg

Transgeracionalidade/ Intergeracionalidade

Holocausto e dores sociais

Blucher

TRANSGERACIONALIDADE/
INTERGERACIONALIDADE

Holocausto e dores sociais

Ana Rosa Chait Trachtenberg

Transgeracionalidade/intergeracionalidade: holocausto e dores sociais

© 2023 Ana Rosa Chait Trachtenberg

Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Alessandra de Proença

Preparação do texto Helena Miranda

Diagramação Thaís Pereira

Revisão de texto Raquel Lima Catalani

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Ana Rosa Chait Trachtenberg. Registro feito em Auschwitz, Birkenau, Polônia, em julho de 2023

Blucher

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Trachtenberg, Ana Rosa Chait
Transgeracionalidade, intergeracionalidade:
holocausto e dores sociais. / Ana Rosa Chait
Trachtenberg. - São Paulo : Blucher, 2023.

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

p. 234
Bibliografia
ISBN 978-85-212-2131-9

É proibida a reprodução total ou parcial por
qualquer meios sem autorização escrita da
editora.

1. Psicanálise 2. Psicopatologia 3. Família –
Aspectos psicológicos I. Título

23-5346

CDD 150.195

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	9
<i>Yolanda Gambel</i>	
Minhas casinhas com chaminé...	21
Parte I – Transgeracionalidade/ intergeracionalidade	
1. Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos	25
2. Famílias interrompidas: drama transgeracional	43
3. Identificação alienante: corpo intoxicado e transgeracionalidade	49
4. O passado transgeracional na pessoa do analista: <i>re-volver</i>	57
5. Transgeracionalidade e adoção: da parentalidade traumática ao trabalho vincular	65

- | | |
|--|----|
| 6. Agonias impensáveis e transgeracionalidade | 73 |
| 7. Édipo: configuração e complexo | 83 |
| 8. Filicídio mudo: o complexo de Édipo na
dupla diferença (sexo e gerações) | 93 |

**Parte II – Transgeracionalidade, judaísmo, holocausto,
dores sociais**

- | | |
|--|-----|
| 9. <i>Shoah</i> (Holocausto) e transgeracionalidade I:
algumas observações | 111 |
| 10. <i>Shoah</i> (Holocausto) e transgeracionalidade II:
história de traumatismos, traumatismos da história | 117 |
| 11. Antissemitismo: memória e futuro | 131 |
| 12. As fontes judaicas da psicanálise | 147 |
| 13. Moisés: um espaço de transcrição transformadora | 159 |
| 14. Bar-mitzvá: um ritual de passagem estruturante
da identidade judaica | 169 |
| 15. Transgeracionalidade e escravidão no Brasil:
algumas perguntas – ubuntu | 189 |
| 16. Homenagem à Yolanda Gampel: trauma social,
radioatividade, os vaga-lumes e a esperança | 203 |

Parte III – Algumas crônicas do passado/presente

- | | |
|---|-----|
| 17. Sobre a minha serena condição de mulher judia | 217 |
|---|-----|

18. Pós-data 70+ e o número 7!	221
19. <i>Kamchatka</i> não me sai da cabeça	223
20. Por uma psicanálise do não saber	227
21. Esperança esquina liberdade	231

1. Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos¹

À medida que o tempo passa, a tinta velha em uma tela muitas vezes se torna transparente. Quando isso acontece, é possível ver, em alguns quadros, as linhas originais: através de um vestido de mulher surge uma árvore, uma criança dá lugar a um cachorro, e um grande barco não está mais em mar aberto. Isso se chama pentimento, porque o pintor se arrependeu, mudou de ideia. Talvez se pudesse dizer que a antiga concepção, substituída por uma imagem ulterior, é uma forma de ver, e ver de novo, mais tarde.

(Lilian Hellman, “Pentimento”)

Alguns anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, psicanalistas do mundo inteiro começaram a receber em seus consultórios sobreviventes e/ou descendentes do Holocausto judeu – *Shoah*, em hebraico – e passaram a observar fenômenos clínicos que guardavam alguma relação com aquela situação traumática do passado.

¹ Publicado originalmente na *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), pp. 77-89, 2017.

Nos anos 1960, foi descrita a síndrome do sobrevivente do Holocausto, caracterizada preponderantemente pela culpa por sua sobrevivência enquanto familiares haviam sido dizimados pelo nazismo. Nos anos 1970, achados clínicos recaíram sobre a segunda geração de judeus pós-holocausto, e, nos anos 1980 e 1990, o foco se abriu para a terceira geração. O denominador comum é o aparecimento de sinais relacionados aos traumas vividos pelos antepassados, e não pelo próprio sujeito.

Em outras palavras, há uma forte presença da “pré-história” do sujeito na constituição de sua subjetividade ou de sua conflitiva, o que ocorre de maneira inconsciente. Essa pré-história convive lado a lado com a sua conflitiva pessoal intrapsíquica. Os estudos psicanalíticos nascidos nos “efeitos radioativos” (Gampel, 2006) do Holocausto foram ampliados, sendo de muita valia para a compreensão dos desdobramentos emocionais de outras formas de violências e traumas, quais sejam: violências familiares (abusos, filicídio mudo, segredos, vergonhas etc.); traumas e lutos não elaborados; violências de Estado (guerras, ditaduras etc.); violência urbana e outros.

Destinos do traumático: o silêncio e o segredo são meus amigos

Elie Wiesel, a propósito de sua condição de sobrevivente do Holocausto, disse: “Calar-se era terrível, falar impossível” (Benghozi, 2000, p. 92). Os sujeitos vitimados em diferentes situações traumáticas de grande magnitude são impulsionados a buscar, portanto, defesas extremadas, na tentativa de manter um mínimo de homeostase emocional. Assim, torna-se intolerável falar, lembrar, rememorar, pensar, sentir, já que colocar o acontecimento traumático ou vergonhoso

na rede de representações implica ameaça de “retraumatizar”, com desorganização e ruptura do psiquismo.

Dessa forma, as pessoas que passaram por essas violências buscam proteção para tentar sobreviver psicologicamente, para levar uma vida normal, fazendo uso da *desmentida*, da *cisão* e da *clivagem do ego*. Nesse sentido, viver em mundos superpostos ou paralelos é um recurso de sobrevivência.

O silêncio e o segredo são amigos nessa hora.

Fica aberto, assim, o caminho para a formação de *criptas*.

Destinos do silêncio: criptas

Todas as palavras que não puderam ser ditas, todas as cenas que não puderam ser lembradas, todas as lágrimas que não puderam ser vertidas serão engolidas, assim como, ao mesmo tempo, o traumatismo, causa da perda. Engolidos e postos em conserva. O luto indizível instala no interior do sujeito uma sepultura secreta [...]. Criou-se, assim, todo um mundo [...] inconsciente que leva uma vida separada e oculta.

(Abraham & Torok, 1995)

Nicolas Abraham e Maria Torok, analistas húngaros radicados em Paris, foram precursores dos estudos psicanalíticos sobre transmissão psíquica entre gerações. Tais pesquisas foram guiadas por pacientes que eram sobreviventes e/ou seus descendentes, que viveram durante o pós-guerra europeu e resgataram a importância do trauma para o cenário psicanalítico, esse que havia sido relegado a um segundo plano desde as históricas de Freud no final do século XIX.

Esses autores cunharam uma original terminologia no seio da linguagem psicanalítica, a *cripta*, que se trata do resultado de uma defesa extremada desenvolvida por aqueles sujeitos traumatizados ou impossibilitados de processar lutos. São os sujeitos criptóforos que, fazendo uso da desmentida e da cisão do ego, juntamente com a repressão conservadora (que se diferencia da repressão dinâmica, que é pulsional), mantêm intactos, conservados e longe da consciência e dos afetos aqueles acontecidos dolorosos e potencialmente desorganizadores do psiquismo.

Na tópica, essa cripta corresponde a um lugar definido. Não é nem o inconsciente dinâmico nem o ego [...]. Seria antes como um território engravado (“tópica realitária”) entre os dois, espécie de inconsciente artificial, instalado no seio do próprio ego. A existência de tal túmulo tem por efeito obturar as paredes semipermeáveis do inconsciente dinâmico. Nada deve filtrar para o mundo exterior. É ao ego que retorna a função de guardião do cemitério. (Abraham & Torok, 1995, p. 239)

A cripta é, portanto, uma potente defesa que pretende ser, em si mesma, de alta eficácia. E talvez o seja para o sujeito portador dela. Entretanto, essa história poderá ter muitos desdobramentos e não ver seu fim ainda durante essa geração.

Pensando nas séries complementares de Freud, bem como em algumas ideias recentes sobre resiliência, seguimos algumas trilhas possíveis da cripta. Dependendo de sua intensidade, *malignidade* e da resiliência familiar, o destino das criptas poderá ser o de fantasmas familiares.

*Traduzir-Se
Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.*

*Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.*

*Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.*

*Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.*

*Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.*

*Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.*

*Traduzir-se uma parte
na outra parte*

– que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?
(Gullar, 1980, p. 346)

Destinos da cripta: fantasmas

Ao se referirem às ressonâncias do trauma não elaborado em uma dada geração, Abraham e Torok (1995) enfatizam que nada pode ser abolido completamente; algo aparecerá em gerações seguintes, como enigma ou como algo impensado.

Nessa linha de pensamento, Benghozi (2000) utiliza o termo “traumatismo como herança” para designar situações em que o fato traumático, embora tenha se dado com o progenitor, é transmitido ao descendente sem que nunca tenha sido falado. Para esse autor, há um risco constante de que um traumatismo psíquico não metabolizado seja repetido depois de várias gerações.

O traumatismo, que pode ser um luto, vergonha, violência social etc., sem possibilidade de elaboração psíquica (com clivagem do ego e formação de cripta), constitui uma verdadeira pré-história para as gerações seguintes, pela qual estão compulsoriamente atravessadas. As gerações futuras têm de lidar com uma experiência traumática que não é própria, mas, sim, dos pais, de quem dependem psiquicamente. Serão possíveis prisioneiros de sua pré-história. Serão as *gerações fantasma*.

O fantasma resulta, sobre um sujeito, dos efeitos inconscientes da cripta de outro, de seu segredo inconfessável. Podemos dizer que o sujeito fantasma é, portanto, prisioneiro de outro sujeito, do sujeito cripta. Tisseron (1997) os descreve da seguinte maneira:

- geração cripta: indizível;
- geração fantasma 1 (filhos): inominável; os conteúdos são ignorados e apenas pressentidos, como um fantasma que ronda uma casa; essa geração poderá apresentar dificuldades de pensamento e de aprendizagem, assim como temores imotivados;
- geração fantasma 2 (netos): impensável; há impossibilidade de pensar os acontecimentos traumáticos ocorridos na geração cripta, podendo apresentar toxicomanias, delírios, transtornos psicossomáticos etc.

Depois da terceira geração, estima-se o aparecimento de reações afetivas incongruentes, possíveis rupturas de laços de pertencimento ou tradição.

Por outro lado, também observamos que nas gerações fantasmas aparecem sinais de doenças que funcionam como uma tentativa de salvar ou libertar a geração precedente de suas feridas não cicatrizadas, mediante “identificação redentora” (Kancyper, 1997). Muitas vezes, quando há algum grau de resiliência familiar, a criança pode apresentar um sintoma que a conduz ao tratamento, permitindo assim um encaminhamento para a abertura de criptas e a consequente possibilidade de elaboração desse trauma não elaborado, silenciado e não representado de gerações anteriores.

Entretanto, em qualquer geração, o traumatismo não elaborado da geração cripta pode ser objeto de uma tramitação criativa, como a escolha de seus descendentes por profissões que impliquem a busca do passado: historiadores, arqueólogos, artistas, psicanalistas.

Um pouco de microscopia...

Faimberg (1996) denomina “telescopagem entre gerações” o fenômeno que tem como modelo a carambola entre automóveis ou

as bonecas russas (*matryoshkas*), que entram umas nas outras. Tal fenômeno resulta no que a autora chama de “identificação inconsciente narcisista alienante”. Essa forma particular de relação, cujo modelo é a identificação projetiva e que ocorre sob o domínio do narcisismo, sem respeito aos bordos ou limites da subjetividade, permite ao progenitor fazer uso do espaço psíquico do filho sem discriminá-lo de si próprio. O filho, vulnerável por sua necessidade de investimento narcísico, fica sujeito ao que os pais dizem ou calam, perdendo a liberdade de interpretar com seu próprio psiquismo as verdades familiares e vinculares. Torna-se depositário, cativo de um luto não elaborado, de um segredo ou de uma vergonha parentais (“criptas”, no dizer de Abraham e Torok), que o alienam de si mesmo, obrigando-o a viver uma história que, ao menos em parte, não é sua.

A identificação alienante, como é denominada mais amplamente na atualidade, não tem o mesmo caráter das identificações secundárias, que são, via de regra, de filhos para pais. Na identificação alienante, aquilo que não é tolerado no psiquismo dos pais é projetado para o espaço mental filial e, tal como nas identificações projetivas comuns entre sujeitos, *liberta* o que envia e *escraviza* o que recebe. Assim ocorre, inconscientemente, entre as gerações.

Transmissão intergeracional e transgeracional

Transmitir é fazer passar um objeto de identificação, um pensamento, uma história, afetos, de uma pessoa para outra, de um grupo para outro, de uma geração para outra. Quando falo de transmissão psíquica entre gerações, refiro-me a duas modalidades básicas: intergeracional e transgeracional.



Figura 1.1 Bonecas russas (*matryoshkas*).

Fonte: Rgbstock.com

A primeira delas, a intergeracional, é a que ocorre *entre* as gerações, havendo uma distância, um espaço entre o *transmissor* e o *receptor*, preservando-se os limites e as bordas da subjetividade. A transmissão transgeracional, ao contrário, é invasiva e ocorre *através* dos sujeitos e das gerações.

Transmissão intergeracional

Nas transmissões intergeracionais, o sujeito não é somente beneficiário, herdeiro, servidor forçado, mas também adquirente singular daquilo que lhe é transmitido. Trata-se de um trabalho psíquico de elaboração que diz respeito ao sujeito e ao grupo, favorecendo transformações e conduzindo a uma diferenciação, a uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado. Esse trabalho permite a cada geração situar-se em relação às outras, perceber e respeitar as diferenças entre elas, tornar-se um elo e inscrever cada sujeito numa cadeia e num grupo. Nesse sentido, vale lembrar a célebre frase de Goethe, citada por Freud em “Totem e tabu” (1913/1986), sobre a necessidade de adquirir o herdado para realmente possuí-lo.

A transmissão psíquica intergeracional é estruturante, nucleada, portanto, na existência de um espaço de transcrição transformadora (Kaës, 1996), no qual se veicula uma herança intergeracional, constituída pelas fantasias, imagos, identificações etc., organizando uma história familiar, um relato mítico do qual cada sujeito pode tomar os elementos necessários para a constituição da sua novela individual neurótica. Exemplos desse tipo de transmissão são as tradições, as culturas, o núcleo de pertinência, uma filiação ou um sobrenome que tenham força de coesão.

Essa parece ser a trilha daquelas transmissões psíquicas entre gerações que são bem-sucedidas, exitosas, nas quais o escudo protetor materno cumpriu a sua meta a contento e a mãe pôde investir adequadamente seu bebê, sem invadir o campo da intersubjetividade com ansiedades ou lutos mal elaborados de sua história ou pré-história.



Figura 1.2. *A Virgem e o Menino com Santa Ana* (Leonardo da Vinci, c. 1510).

Fonte:Wikimedia Commons.

Trouxe o quadro de Leonardo da Vinci, *A Virgem e o Menino com Santa Ana*, porque a minha visão dele é a de um bebê olhando por sua mãe, que por sua vez está sendo olhada por sua própria mãe. Há uma troca de olhares, cuidados e *holding* envolvendo três gerações, o que pode ser um bom modelo para considerarmos que a presença dessa imagem na vida das famílias nos ajuda a pensar em transmissão intergeracional.

Transmissão transgeracional

Várias situações podem destruir a capacidade e a função parentais: lutos não elaborados, segredos, histórias lacunares, histórias de violência, vazios, migrações – traumas, enfim, que não puderam ser transformados, simbolizados, historizados. Tais situações podem comprometer dramaticamente a capacidade parental de metabolizar as ansiedades primitivas do bebê (função alfa, *rêverie*, mãe suficientemente boa), além de promover a inversão da linha geracional, pois o filho – ao contrário do que é esperado na primitiva relação mãe/bebê – passa a conter a ansiedade proveniente do irrepresentável e do não elaborado das angústias parentais.

O magnífico quadro de Frida Kahlo, *Autorretrato como Tehuana* (ou *Diego em Meu Pensamento*), no qual Diego Rivera aparece desenhado em sua testa, parece-me uma imagem ímpar para pensarmos a mente de uma mãe impossibilitada de olhar e investir integralmente seu bebê por estar ocupada (ela-mãe) com seus lutos e traumas não elaborados (criptas). Há uma forte tendência a utilizar identificações alienantes desses *Diegos* de sua mente para depositá-los na mente do bebê. Esse movimento parental inconsciente poderá traduzir-se em vazio irrepresentável para o bebê, ao mesmo tempo que o leva a carregar uma angústia que não é sua.

A nova geração será herdeira compulsória dessa vesícula que contém produtos tóxicos, será receptora singular de uma transmissão defeituosa. Por estar dominada por sua dependência e seu apego aos pais, bem como por sua necessidade de ocupar o lugar que lhe é determinado, constituir-se-á em verdadeira escrava de fantasmas.

Ao ser introduzida na constelação traumática dos pais, a criança cumprirá várias funções para eles. Poderá tomar o lugar dos mortos, identificando-se com eles para satisfazer a mãe, servindo assim de continente para as angústias excessivas do adulto com a inversão das posições na linha geracional e a subsequente transformação, por exemplo, em pai de seus pais.

Essa é uma transmissão psíquica geracional que, do ponto de vista da natureza e da essência do elo criativo entre as gerações, tornou-se defeituosa, foi interrompida; as histórias de seus personagens estão colapsadas, coladas umas às outras – estão sob o predomínio da repetição e do narcisismo.

Assim, encontraremos, em ambas as gerações, o impensável, o indizível, o negativo, o processo do segregar, os restos insensatos, os passados em silêncio, as histórias vazias. Estará fundada a *cadeia traumática transgeracional* (Gomel, 1997).

Dessa forma, o trauma pode inaugurar, na história de muitas famílias, as condições para as transmissões transgeracionais, carentes do espaço de transcrição transformadora. O trauma não elaborado tem poder para interromper a transmissão intergeracional, aquela que se dá *entre* os sujeitos. Com isso, passa a existir outra, dessa vez defeituosa, transgeracional, que ocorre *através* dos sujeitos, atravessando o psiquismo, invadindo-o violentamente, numa passagem direta de formações psíquicas de um sujeito a outro, de uma geração a outra, sem preservação dos espaços subjetivos ou intersubjetivos.

Essa história – ou não história – repleta de não ditos, que necessita ser dissociada ou *clivada* pelo sujeito, habitante de uma cripta firmemente lacrada, necessitará encontrar um depósito fora dele próprio. O indivíduo expulsa de dentro de si seu próprio fardo, as partes alienadas/clivadas de si mesmo, e as coloca em alguém narcisicamente selecionado, da geração seguinte. Essa identificação projetiva – *identificação alienante* (Faimberg, 2000); *identificação mórbida* (Pereira da Silva, 2003); *identificação radioativa* (Gampel, 2006, 2014); *identificação traumática* (Trachtenberg, 2013) – liberta o representante dessa geração, enquanto *escraviza* o representante escolhido da geração seguinte. Este, vivendo uma história que, ao menos parcialmente, não é sua, tendo uma parte de seu psiquismo alienada, estrangeira a si mesmo, é um dos protagonistas daquilo que Faimberg (2000) denominou *telescopiação de gerações*.

Nessa linha de compreensão psicanalítica, Kestenberg (1993) chamou de transposição o fenômeno encontrado em descendentes de sobreviventes do Holocausto, acontecimento este que descreve uma forma de viver em duas épocas distintas simultaneamente: a presente e a passada. Rosenfeld (1993) observou ainda fenômenos de encapsulamento autista, derivados da necessidade de preservação de identificações infantis.

A esse respeito, Gampel (2006, 2014), ao se referir aos sobreviventes do Holocausto e seus descendentes, diz que os traumas encapsulados são convertidos em restos radioativos que não podem ser transformados em pensamento simbólico, nem em palavras, e surgem sob a forma de enfermidades psíquicas ou físicas, no próprio sujeito ou em membros das gerações seguintes.

Imre Kertész, escritor húngaro, sobrevivente do Holocausto e ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 2002, manifestou

em seu romance *Kadish² por uma criança não nascida*, sua decisão de não ter filhos, pois entendia que sua herança emocional estaria muito comprometida com potencial patogênico graças a seus traumas não processados.

Lembrando Ferreira Gullar (1980): “Traduzir-se uma parte na outra parte [...] será arte?” (p. 346). Cabe a nós, psicanalistas, por meio de diferentes abordagens terapêuticas, realizar um trabalho preventivo de saúde mental, bem como um trabalho que permita elaboração de criptas e fantasmas, contribuindo para um nascimento psíquico não alienado nas crianças e nas famílias; ajudar no difícil trânsito dessa transformação de heranças transgeracionais em novas heranças intergeracionais.

Para finalizar, apresento um quadro comparativo entre as duas formas de transmissão psíquica entre gerações – intergeracional e transgeracional –, que busca destacar as diferenças, assim como alguns pontos que suscitem inquietações capazes de criar novos pensamentos:

Quadro. 1.1 Comparação entre transmissão intergeracional e transgeracional

Transmissão Intergeracional	Transmissão Transgeracional
1. A serviço dos vínculos, da elaboração, da historização do sujeito.	1. A serviço do esquecimento (morte), da repetição, da não história.
2. Transmissão intersubjetiva – com resguardo dos bordos da subjetividade – entre sujeitos/ entre gerações.	2. Transmissão transpsíquica, invasiva, sem transformação, passagem direta pelas gerações.

2 Reza que os judeus fazem para os mortos.

Quadro. 1.1 Comparação entre transmissão intergeracional e transgeracional

Transmissão Intergeracional	Transmissão Transgeracional
3. Acontecimentos elaborados (traumáticos ou não), “olhar consistente”.	3. Acontecimentos traumáticos não elaborados (lutos, migrações, violências, violência de Estado, segredos), “olhar transparente”.
4. Representação psíquica/ simbolização/ palavra.	4. Cripta/fantasma/silêncio/ vazio/ negativo/branco/falha no simbólico/ elementos não transformados/não palavra/ não representação.
5. Espaço de transcrição transformadora (entre gerações), cadeia (elo) geracional.	5. Falta espaço de transcrição transformadora (entre gerações); cadeia traumática transgeracional.
6. Memória/historização/herança intergeracional/fantasia/imagos.	6. Esquecimento/não história/herança transgeracional/histórias colapsadas.
7. Antepassado: objeto intergeracional – núcleo de pertinência, genealogia.	7. Antepassado: objeto transgeracional.

Quadro. 1.1 Comparação entre transmissão intergeracional e transgeracional

Transmissão Intergeracional	Transmissão Transgeracional
8. Identificações telescópicas (herança, sobrenome, tradições), identificações secundárias.	8. Telescopagem de gerações, identificações alienantes, identificações traumáticas, identificações vampíricas, identificações mórbidas, identificações radioativas.
9. Conflitos neuróticos, “miséria comum”.	9. Narcisismo, vazio, mandatos.
10. Repressão, negação.	10. Clivagem, cisão, desmentidas.
11. Mantidas as diferenças entre gerações.	11. Inversão da linha de gerações, rêverie invertida, vesícula de produtos tóxicos, cripta tóxica.

Fonte: adaptado de Trachtenberg et al., 2013.

Referências

- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. Escuta.
- Benghozi, P. (2000). Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias: desemalhar e remalhar continentes genealógicos. In O. R.

- Correa (org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. Escuta.
- Faimberg, H. (2000). Entrevista. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 2(1), 249-266.
- Faimberg, H. (1996). El telescopaje de las generaciones. In R. Kaës et al. *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Amorrortu.
- Freud, S. (1986). Totem e tabu. In *Obras completas* (Vol. 13). Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913).
- Gampel, Y. (2014). Entrevista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(2), 17-28.
- Gampel, Y. (2006) *Esos padres que viven a través de mi: la violencia de Estado y sus secuelas*. Paidós.
- Gomel, S. (1997). *Transmisión generacional, familia y subjetividad*. Buenos Aires: Lugar.
- Gullar, F. (1980). Traduzir-se. In *Toda poesia* (21ª ed.). José Olympio.
- Kaës, R. (1996). Introducción al concepto de transmisión psíquica en el pensamiento de Freud. In R. Kaës et al. *Transmisión de la vida psíquica entre generaciones*. Amorrortu.
- Kancyper, L. (1997). *La confrontación generacional: estudio psicoanalítico*. Paidós.
- Kestenberg, J. S. (1993). What a psychoanalyst learned from the Holocaust and genocide. *The International Journal of Psychoanalysis*, 74, 1117-1129.
- Pereira da Silva, M. C. (2003). *A herança psíquica na clínica psicanalítica*. Casa do Psicólogo.

- Rosenfeld, D. (1993). A identificação e suas vicissitudes em relação ao fenômeno nazista. In *O psicótico: aspectos da personalidade*. Vozes.
- Tisseron, S. (1997). Introducción: el psicoanálisis ante la prueba de las generaciones. In S. Tisseron et al. *El psiquismo ante la prueba de las generaciones*. Amorrortu.
- Trachtenberg, A. R. C. (2013). Trauma, transgeracionalidade e intergeracionalidade: uma transformação possível. In A. R. C. Trachtenberg et. al. *Transgeracionalidade – de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. Sulina.



Este livro, que Ana Rosa Trachtenberg nos escreveu a partir de sua experiência emocional e do destino que teve de viver, nos coloca em contato, como psicanalistas e cidadãos do mundo, com dois casos de traumas coletivos, eventos destinados a prejudicar a população sob o signo do medo ou terror que nós chamamos de violência político-social. Ela se inscreve como catástrofe no corpo, no psiquismo e na alma do indivíduo, como história e como transmissão: o Holocausto, como acontecimento catastrófico do século XX, e a escravidão no Brasil, que durou séculos, patrimônio silenciado que grita na subjetividade contemporânea dos brasileiros.

Podemos dizer que o trauma imanente – nascer e crescer – e o trauma catastrófico, causado pela violência político-social, nunca mentem. O trauma reclama e exige repetição, exige ser expresso, pois o trauma e a catástrofe destrutiva imposta por um ser humano a outro têm o poder de transpor barreiras intergeracionais [...].

No caminho percorrido neste valioso e belo texto sobre a transgeracionalidade, encontramos uma rede de múltiplos tempos que se esbarram, se bifurcam, se cortam ou se ignoram há séculos, abarcando todas as possibilidades [...].

Yolanda Gampel

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2131-9



9 788521 221319



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Transgeracionalidade/ Intergeracionalidade Holocausto e dores sociais

Ana Rosa Chait Trachtenberg

ISBN: 9788521221319

Páginas: 234

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
